

# A “DORMIÇÃO DA VIRGEM”: REPRESENTAÇÕES E COTIDIANO NAS MINAS SETECENTISTAS

**Sabrina Mara Sant`Anna**  
Mestranda / História / UFMG

Disse-lhe Jesus: Eu sou a ressurreição e a vida; quem crê em mim, ainda que esteja morto, viverá; E todo aquele que vive, e crê em mim, nunca morrerá. Crês tu isto? (João 11, 25-26).

A morte para os cristãos dos séculos XVIII e XIX não representava o fim, era vista como uma passagem necessária, uma vez que acreditavam na imortalidade da alma. Essa crença gerou preocupações e atitudes expressas através de fontes diversas (assentos de óbitos, testamentos, livros piedosos, fontes iconográficas, documentação confrarial), pois a vida é breve e passageira.

Após o falecimento ocorria imediatamente o julgamento individual<sup>1</sup>, destinando a alma para o seu lugar no além. O Purgatório representava uma região de passagem na topografia celeste<sup>2</sup>, e por isso era tão almejado, uma vez que após a purificação dos pecados veniais a alma ascendia ao Paraíso, encontrando descanso eterno. A sentença podia ainda ser a condenação ao Inferno, lugar de tormentas infundáveis.

Uma vida reta aos olhos de Deus e da religião era obrigação de todo cristão, que recebia por tal zelo moral, recompensa eterna. No Arquivo da Paróquia de Nossa Senhora do Pilar, há um *Retiro Espiritual*, de 1818, contendo ensinamentos para ajudar os fiéis a “bem morrer”, no trecho reproduzido abaixo podemos entender como as atitudes da vida implicavam diretamente na morte:

---

<sup>1</sup> Também denominado Juízo Particular. BETTENCOURT, D. Estevão. *A Vida que Começa com a Morte*. Rio de Janeiro: Editora Agir, 1955. p. 45-55.

<sup>2</sup> LE GOFF, Jacques. *O Nascimento do Purgatório*. Lisboa: Editora Estampa, 1993.

Considera quanto é suave o morrer para aquele, que tem vivido bem. A morte é castigo do pecado: não é, pois, propriamente falando, só as almas manchadas com o pecado, que ela deve causar aflição. E pode deixar de causar grande consolação, e alegria aqueles, que tem vivido no exercício das virtudes cristãs? Poderá deixar de morrer contente quem morre santo?<sup>3</sup>

Para obter uma boa morte era preciso não estar desprevenido, “significava que o fim não chegaria de surpresa para o indivíduo, sem que ele prestasse conta aos que ficavam e também os instruisse sobre como dispor de seu cadáver, de sua alma e de seus bens terrenos”.<sup>4</sup> O moribundo definia sua sorte no leito, uma vez que podia arrepender e corrigir seus erros há tempo. Preparar-se para a morte implicava em aceitá-la com demasiada contrição, demonstrando desapego material e entrega espiritual. A intuição da proximidade do momento derradeiro, num ritmo intenso, desencadeou uma série de gestos piedosos, considerados essenciais para a salvação.<sup>5</sup>

Conforme Georges Duby, os homens medievais temiam muito mais a punição no além, que o fim do mundo, “basta olhar, à sua volta, o que resta da arte medieval para impressionar-se com o lugar ocupado pelas representações dos suplícios do inferno”.<sup>6</sup> Também constatamos no catolicismo barroco esse mesmo temor, o que muda é a estratégia pedagógica, que nesse momento privilegia a exortação dos fiéis através de imagens de almas sendo purificadas no purgatório, ou arrebanhadas por anjos, no caso da “morte do justo”, ou ainda, tomadas por demônios, como na “morte do pecador”. Isso não significa a inexistência de representações do inferno, Adalgisa Arantes Campos considera o barroco pouco afeito ao tema, ressaltando-se um eco aqui, outro acolá.<sup>7</sup>

Imagens de Nossa Senhora deitada em leito ou esquiife, de olhos fechados e mãos postas sobre o peito (uma referência ao seu falecimento ou à sua dormição), foram difundidas desde o medievo. Essa representação apócrifa inspirava nos fiéis a contrição e a espera

---

<sup>3</sup> Arquivo da Paróquia de N. Sra. do Pilar/Casa dos Contos/Ouro Preto, *RETIRO ESPIRITUAL PARA HUM DIA DE CADA MEZ*. Obra muito útil para toda a sorte de pessoas e principalmente para aqueles que desejam segurar uma boa morte. Traduzido da Língua Francesa. Tomo I. Oitava Edição mais correta, e exata. Lisboa, na Officina de Antônio Rodrigues...1818. p. 184. Volume 0091- Rolo/Microfilme 005/0360-0475. A ortografia foi atualizada nessa transcrição parcial.

<sup>4</sup> REIS, João José. *A Morte é uma Festa: Ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX*. 3. ed. São Paulo: Cia. Das Letras, 1998. p. 92

<sup>5</sup> Sobre a intuição da proximidade da morte ver o conceito de “morte domada” em ÁRIES, Philippe. *Sobre a História da Morte no Ocidente: desde a idade média*. Lisboa: Editora Teorema Ltda, 1989. Sobre os gestos piedosos gerados pelo pressentimento do fim da vida nas Minas setecentistas ver CAMPOS, Adalgisa Arantes. *A Terceira Devoção do Setecentos Mineiro: o culto a São Miguel e Almas*. São Paulo, Tese de Doutorado, Universidade de São Paulo, 1994.

<sup>6</sup> DUBY, Georges. *Ano 1000 ano 2000: na pista de nossos medos*. São Paulo: UNESP, 1999. p. 128.

<sup>7</sup> CAMPOS, Adalgisa Arantes. *A Terceira...* op. cit. p. 47.

tranqüila da morte terrena, para a ressurreição no Paraíso, ao lado do Pai, do Filho, do Espírito Santo e dos demais seres celestiais. As Irmandades de leigos com essa invocação foram difundidas na Capitania das Minas a partir do setecentos, sendo a primeira erigida em Vila Rica, na freguesia de Antônio Dias, em 1725<sup>8</sup>, e a última em Catas Altas do Mato Dentro, no ano de 1822.

## 1 – RITOS PARA “BEM MORRER”

De acordo com as *Constituições Primeiras do Arcebispado da Bahia*, a aplicação dos últimos sacramentos – a extrema unção, a penitência e a eucaristia – era obrigação do pároco, que deveria ser chamado com urgência, tão logo se notasse a presença de enfermidade ou a eminência da morte.

A extrema unção, realizada pelo pároco, consistia em ungir as extremidades do corpo do moribundo com óleo de oliva consagrado:

Os efeitos próprios deste sacramento são muitos, e principalmente três. O primeiro é, perdoar-nos as relíquias dos pecados, pelos quais faltava satisfazer da nossa parte, ficando por isso aliviada a alma do enfermo. O segundo é, dar muitas vezes, ou em todo, ou em parte a saúde corporal ao enfermo, quando assim convêm para bem de sua alma. O terceiro é, consolar ao enfermo, dando-lhe confiança, e esforço, para que na agonia da morte possa resistir aos assaltos do inimigo, e levar com paciência as dores da enfermidade.<sup>9</sup>

A penitência, também chamada pela Igreja de contrição, consistia na confissão dos pecados. O sacerdote, reconhecendo arrependimento, absolvía-os.<sup>10</sup> A eucaristia era o pão de trigo e o vinho misturado com um pouco de água, que ao serem consagrados representavam o Corpo e o Sangue de Cristo. A aplicação desse sacramento aos enfermos era feita pelo pároco, que deveria administrá-lo a todos os seus fregueses.<sup>11</sup>

Só estavam isentos de receber os sacramentos que precediam a morte:

os meninos e meninas (inocentes); os condenados à morte por justiça; os que entravam em larga e perigosa navegação no mar; os soldados em batalha; os

---

<sup>8</sup> Antônio Francisco Lisboa, o Aleijadinho, era associado da Irmandade da Boa Morte de Vila Rica e encontra-se sepultado aos pés do mesmo altar (lateral) situado na Matriz de Nossa Senhora da Conceição de Antônio Dias.

<sup>9</sup> VIDE, D. Sebastião Monteiro da. *Constituições Primeiras Do Arcebispado Da Bahia feitas e ordenas pelo ilustríssimo, e reverendíssimo senhor Sebastião Monteiro da Vide, arcebispo do dito arcebispado, e do Conselho de Sua Majestade, propostas e aceitas em o Sínodo Diocesano, que o dito senhor celebrou em 12 de junho de 1707.* Coimbra: Real Colégio das Artes da Companhia de Jesus, 1720, livro 1, título XLVII, n 193, p. 81. A ortografia foi atualizada nessa transcrição parcial.

<sup>10</sup> VIDE, D. Sebastião Monteiro da... op. cit. Livro 1 título. XXXIII, n 125 p.54.

<sup>11</sup> VIDE, D. Sebastião Monteiro da... op. cit. Livro 1, título XXIX, n 102-110, p.46-48.

excomungados e impenitentes que estivessem em pecado público; os loucos; e os que faleciam repentinamente.<sup>12</sup>

Os testamentos desde o declinar da Idade Média, de acordo com Alcântara Machado<sup>13</sup>, ganharam popularidade e prestígio entre os cristãos, “longe de ter feição puramente econômica, o testamento era uma solene demonstração de fé”.

O moribundo na América Portuguesa utilizava a situação testamentária para estar “em paz com a consciência”. Era prática comum a todos que possuíssem o mínimo de bens, variando entre roupas, ferramentas e imóveis. A declaração de fé contida nos testamentos, o agir visando o “bem morrer”, o fechamento harmonioso da vida, nos mostra, principalmente, a crença no poder intercessor dos santos.

Normalmente, depois de passada toda a corte celeste<sup>14</sup>, a intercessão era dirigida ao santo de maior devoção, em seguida designava-se o local da sepultura. O próximo aspecto a ser percebido sobre o “bem morrer” refere-se aos sufrágios (ato pio ou oração pelos mortos), que vêm em dois planos. Primeiramente pela alma do próprio testador. Era comum que se deixassem de 5 a 100 missas ou mais, e em alguns casos chegando a 700 e 1000, pagando por cada uma a “esmola costumada” ou eram essas “missas de meia oitava”. Em segundo plano, comumente deixavam-se missas em intenção das almas dos entes queridos: pais, filhos, irmãos e também pelas almas do purgatório. Havia ainda a determinação da mortalha que o defunto iria usar no enterro.

Os legados pios compreendiam as doações feitas às irmandades, tanto em missas como em oitavas de ouro, aos lugares sagrados como Jerusalém e aos santos da devoção pessoal.

Por último, como prática de passar a consciência a limpo, muitos testadores alforriavam ou coartavam alguns de seus escravos e reconheciam alguma falta ou abuso não “emendado”, casos como o reconhecimento de filhos ilegítimos são um exemplo.

Após o falecimento começavam os cuidados com o corpo, que eram de suma importância. Enquanto o cadáver era preparado arrumava-se a casa para o velório, decorando a entrada com ramos fúnebres ou panos cortinados.

---

<sup>12</sup>VIDE, D. Sebastião Monteiro da... op. cit , Livro 1 , título XLVII, n. 196. p. 82. A ortografia foi atualizada nessa transcrição parcial. Cf também HERNANDES, Pedro Martin (trad., introd e notas). *Catecismo Romano*. Madrid: La Editorial Católica S.A., 1956. p. 601-602.

<sup>13</sup> MACHADO, Alcântara. *Vida e morte do bandeirante*. Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 1980. p. 212.

<sup>14</sup>SILVEIRA, Felipe Augusto de Bernardi. *Ritos de passagem para “morrer bem”: permanências e transformações nos ritos fúnebres da Província de Minas Gerais no século XIX*. Iniciação Científica Newton Paiva, Belo Horizonte, 2001/2002. p. 222-253.

Passado o velório, seguia-se o cortejo fúnebre, representando a última passagem do defunto pelo espaço mundano, (em geral, lugares por onde havia circulado durante a vida). Esta era a derradeira despedida que o morto fazia ao mundo dos vivos, já que entrando este no local da sepultura, normalmente a igreja, estaria se integrando ao espaço sagrado. As irmandades tinham papel fundamental nesta hora, uma vez que acompanhavam o irmão até a sepultura, rezavam e também choravam por ele.

Ao entrar na Igreja, celebrava-se a missa de corpo presente e logo após, o sepultamento. Os defuntos filiados a alguma irmandade leiga, tinham suas covas junto às mesmas. Alguns podiam ser enterrados “pelo amor de Deus”, expressão usada para aqueles “notoriamente pobres” que morriam e eram sepultados em cova da fábrica. O lugar da sepultura expressava a condição social do falecido e sua relação com a idéia da morte. João José Reis<sup>15</sup> menciona que na mentalidade colonial, ser enterrado na Igreja era uma forma de não romper com o mundo dos vivos, inclusive para que estes, em suas orações, não esquecessem dos que tivessem partido.

Conforme Adalgisa Campos existia um espaço funerário maior, em adro aberto – terreno em frente e/ou ao lado da igreja – usualmente nomeado como cemitério, com as covas “*apud ecclesiam*”. O cemitério abrangia o terreno a céu aberto, em que se enterravam os defuntos.<sup>16</sup> Existiam ainda as covas da fábrica (administração dos bens e receitas da paróquia) que contava com inúmeras sepulturas internas (*ad sanctos*), fonte preciosa de rendimentos.

De acordo com a Legislação Civil Colonial, o tempo de uso do luto estava ligado ao grau de parentesco com o morto. O luto tinha várias funções: demonstrar o prestígio social, expressar a dor e defender a família de um possível retorno do defunto.<sup>17</sup>

## **2 – IRMANDADES MINEIRAS DE NOSSA SENHORA DA BOA MORTE**

A Confraria da Boa Morte foi fundada na Igreja do Gesú, em Roma, em 1648 e tinha como atividade regular a devoção ao Cristo, suas chagas, às aflições da Virgem Maria e à

---

<sup>15</sup> REIS, João José. *A morte é uma festa...*op. cit, p. 171.

<sup>16</sup>CAMPOS, Adalgisa Arantes. *A idéia do Barroco e os desígnios de uma nova mentalidade: a misericórdia através dos sepultamentos pelo amor de Deus na Paróquia do Pilar de Vila Rica (1712- 1750)* IN: Revista Barroco. Belo Horizonte, 18 (2.000): 45-68.

<sup>17</sup> REIS, João José. *A morte é uma festa...*op. cit, p. 134.

Eucaristia<sup>18</sup>, sendo difundida com grande êxito em Portugal e seus domínios, a partir do setecentos<sup>19</sup>.

Na Capitania das Minas, conforme Adalgisa Arantes<sup>20</sup>, o culto à “Dormição da Virgem” efetivou-se com a propagação das associações de leigos com essa invocação. Em 1750, Dom Frei Manoel da Cruz edificou o Seminário da Boa Morte, em Mariana, estimulando oficialmente o culto, precedido por duas irmandades, a da Freguesia de Antônio Dias (Vila Rica), erigida em 1725<sup>21</sup> e a de Cachoeira do Campo, em 1730<sup>22</sup>, ambas pertencentes à Comarca Eclesiástica de Vila Rica.

Para Caio Boschi<sup>23</sup>, a função histórica das irmandades de leigos na América Colonial Portuguesa é a de simultaneamente serem promotoras e sedes da devoção, como também eficientes instrumentos de sustentação material do culto religioso, absorvendo a responsabilidade dos “serviços sociais a toda a população”. Em consonância com este estudo estão as observações de Marcos Aguiar<sup>24</sup>, sobre a vida associativa negra na Capitania de Minas. Contudo, este autor compreende que as confrarias constituíam importante mecanismo de “conservação identitária”, além de fornecerem oportunidades de inserção social e promoção hierárquica, funcionando como agentes da caridade cristã.

Adalgisa Campos<sup>25</sup> considera expressiva a atuação das irmandades leigas no comportamento coletivo das Minas, posto que eram constituídas “para a veneração do santo padroeiro, ofícios divinos, auxílio ao filiado em caso de doença e necessidade, culto na intenção das almas dos irmãos defuntos, assistência na morte e, portanto, para ajudar a 'bem morrer', e ao serviço fúnebre em geral”. É nesse ponto que ressaltamos o papel sócio-cultural<sup>26</sup> das associações religiosas de leigos, sobretudo daquelas vocacionadas à Boa Morte, que amparavam o moribundo e seus familiares, no momento de angústia e luta espiritual, ajudando e preparando-os por meio de literatura piedosa e incentivo ao culto e veneração das imagens

---

<sup>18</sup> LAVIN, Irving. “Bernini's Death” In: *The art bulletin*, LIV 2, 1972. p. 158-86.

<sup>19</sup> CAMPOS, Adalgisa Arantes. *A Morte, a mortificação e o heroísmo: o homem 'comum' e o 'santo'*. Revista do IAC/UFOP, Ouro Preto, v. 1, 20 dez. 1996. p. 8.

<sup>20</sup> CAMPOS, Adalgisa Arantes. *A Morte...* op. cit. p. 5-12.

<sup>21</sup> BOSCHI, Caio César. *Os Leigos e o Poder: irmandades leigas e política colonizadora em Minas Gerais*. São Paulo: Editora Ática, 1986. p. 217.

<sup>22</sup> Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana, W31 - Irmandade de Nossa Senhora da Boa Morte.

<sup>23</sup> BOSCHI, Caio César. *Os Leigos...* op. cit. p. 65.

<sup>24</sup> AGUIAR, Marcos Magalhães de. *Negras Minas Gerais: uma história da diáspora africana no Brasil Colonial*. São Paulo, Tese de Doutorado, Universidade de São Paulo, 1999. p. 320-321.

<sup>25</sup> CAMPOS, Adalgisa Arantes. *A Terceira...* op. cit. p. 29.

<sup>26</sup> IRMANDADES. In: ROMEIRO, Adriana; BOTELHO, Ângela Vianna. *Dicionário Histórico das Minas Gerais: Período Colonial*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003. p. 180-184.

da Virgem Maria morta, cujo caráter pedagógico, encontra-se estabelecido no exemplo do desapego material e entendimento da morte física como portal para a imortalidade.

Existiram dez Irmandades de Nossa Senhora da Boa Morte em Minas Gerais, localizadas em três Comarcas Eclesiásticas diferentes: Mariana, São João Del Rei e Vila Rica. Estão elas nas seguintes localidades, seguidas de suas respectivas datas de fundação: Vila Rica (1725), Cachoeira do Campo (1730), Barbacena (1754), Mariana (1758), São João Del Rei (1774), Guarapiranga (1779), Aiuruoca (1814), Baependi (1815), Campanha da Princesa (1820) e Catas Altas do Mato Dentro (1822).

Essas associações de leigos eram compostas, em maioria, por mulatos e crioulos, o que não significa a exclusão de confrades brancos. Francisco Curt Lange<sup>27</sup> afirma que a de Vila Rica (freguesia de Antônio Dias) foi “Congregação de gente de cor”. No Arquivo Público Mineiro há uma certidão (1794) e três requerimentos da Irmandade de Nossa Senhora da Boa Morte de São João Del Rei do Rio das Mortes<sup>28</sup>, solicitando licença para construir templo no termo da mesma vila. A documentação é elucidativa quanto à situação de seus membros: “homens pardos, e muitos brancos, e que festejam com muita pompa e devoção”. O requerimento de 1796 relata que neste ano, haviam 400 irmãos congregando.

Em 28 de setembro de 1754 foi formada a Confraria de Nossa Senhora da Boa Morte em Barbacena<sup>29</sup>, contando a princípio, com a inscrição de 12 irmãos aos quais, gradativamente, foram somando outros nomes. Em 1757, três anos após a fundação, haviam 58 inscritos. Em pouco tempo, a associação tornou-se forte e numerosa. Regida inicialmente por um compromisso provisório foi oficialmente instituída em 1782, quando organizaram novos estatutos. A Provisão Régia data de 18 de janeiro de 1788.

No ano de 1790 os irmãos de Barbacena pedem licença a D. Frei Domingos da Encarnação Pontevel, então Bispo de Mariana, para construção de capela própria. Dois anos depois, ficou definitivamente resolvida a edificação do templo, que foi entregue ao culto no dia 25 de março de 1796, mesma data em que se entronizou a imagem da “Dormição de Maria”, transplantada da Matriz de Nossa Senhora da Piedade. Não correspondendo, contudo,

---

<sup>27</sup> LANGE, Francisco C. *História da Música nas Irmandades de Vila Rica: Freguesia de Nossa Senhora da Conceição de Antonio Dias (Vol V)*. Conselho Estadual de Cultura de Minas Gerais. Belo Horizonte, 1981. p. 75.

<sup>28</sup> Arquivo Público Mineiro/Belo Horizonte, caixa 142, documento 47, código 10877, rolo nº 129 – Arquivo Histórico Ultramarino.

<sup>29</sup> Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional/Inventário de Bens Móveis e Integrados, Pasta da Matriz de Nossa Senhora da Boa Morte – Barbacena/MG.

às expectativas traçadas pela Irmandade, a capela primitiva cedeu lugar em 1816 à construção de uma nova Igreja, obedecendo ao projeto feito em 1815, data que hoje se encontra esculpida no medalhão de cantaria azul, na porta do edifício.

É possível perceber a aceitação dessas Confrarias quando analisamos o número de irmãos inscritos em São João Del Rei, que em 1796 contava com a presença de 400 associados e em Barbacena, que iniciou suas atividades em 1754 com 12, somando nos três anos seguintes 58 devotos, número que provavelmente tem grande crescimento a partir de então, possibilitando a construção, em 1796, do único templo com essa invocação nas Minas. Estas duas associações de leigos permanecem ainda hoje em atividade, movimentando as comunidades onde estão inseridas. As festividades são celebradas em agosto, culminado com a procissão no dia 15 do mesmo mês, dado que nos possibilita constatar um culto residual e de longa duração.

### **3 – IMAGINÁRIA E REPRESENTAÇÕES PEDAGÓGICAS**

Não existe nas Sagradas Escrituras relato sobre o falecimento da mãe de Jesus, de acordo com Jacopo de Varazze<sup>30</sup>, um livro apócrifo atribuído a São João Evangelista foi o responsável pela divulgação da história da morte e assunção de Maria, por isso, essa invocação sedimenta-se na tradição cristã, não é canônica, à medida que não se encontra na lista dos livros sagrados admitidos pela Igreja Católica.

Consta que Nossa Senhora consumiu-se de amor a Deus e desejo de reunir-se ao seu Divino Filho, deixando a vida terrena, já viúva, aos 60 anos. Tomé, o único apóstolo ausente nessa ocasião, ao chegar em Jerusalém quis vê-la no túmulo. Removida a tampa, constatou-se que estava vazio, sinalizando a assunção<sup>31</sup>. Os cristãos começaram a invocá-la como protetora dos agonizantes porque acreditavam que no momento decisivo da vida, seria de grande valia a intercessão daquela que deu à luz ao filho de Deus e que como tal ressuscitou.<sup>32</sup>

As imagens de Nossa Senhora da Boa Morte estão presentes na Europa desde a Idade Média, sendo, neste período, representada em fachadas e mosaicos internos. (FIG: I e II)

---

<sup>30</sup> VARAZZE. Jacopo de. *Legenda Áurea: Vidas de Santos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003. p. 657-81.

<sup>31</sup> CUNHA, Maria José Assunção da. *Iconografia Cristã*. Ouro Preto: Ufop/IAC, 1993. p. 27.

<sup>32</sup> CARVALHEIRA P. José do Vale. *Nossa Senhora na história e devoção do povo português*: Edições Salesianas, 1988. p. 143.

Na América Portuguesa, seu culto foi divulgado pelos lusitanos, primeiramente em Salvador, Bahia, espalhando-se depois para outras regiões. A função pedagógica dessa representação corrobora a crença na imortalidade da alma em um período que o “morrer bem” era assunto importante. No caso específico da Virgem, considera-se que foi um simples sono, pois se elevou aos céus na companhia de seu filho Jesus e uma corte de anjos.

Os clérigos do declínio da Idade Média e Época Moderna serão responsáveis pela imagem dada ao momento derradeiro da existência, divulgando-a através da “Ars Moriendi”<sup>33</sup>, literatura devota ilustrada, que visa dar orientação ética aos fiéis, e exortá-los para a aceitação tranqüila do fim terreno. Tal iconografia foi vulgarizada através da xilogravura colocada à margem nos livros de Horas. (FIG: III)

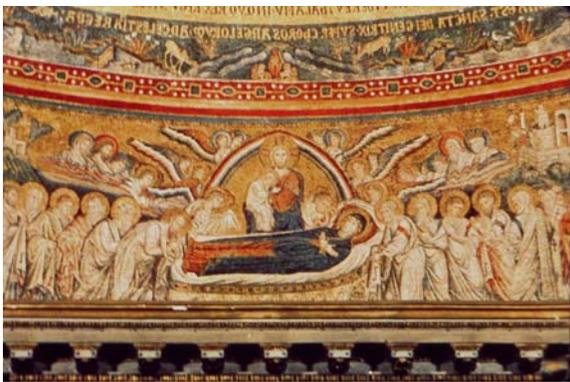


FIGURA I – A Dormição da Virgem  
Igreja de Santa Maria Maior - Roma  
Acervo fotográfico: Adalgisa Arantes Campos



FIGURA II – A Dormição da Virgem  
Notre Dame – Paris  
Acervo fotográfico: Adalgisa Arantes Campos

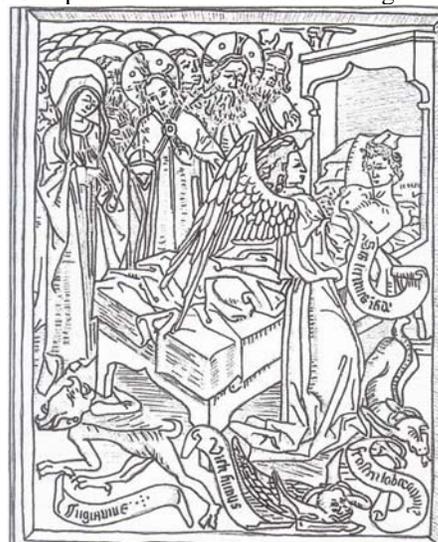


FIGURA III – Gravura do livro Ars Moriendi do final do século XII.<sup>34</sup>

<sup>33</sup> CAMPOS, Adalgisa Arantes. *A Terceira...* op. cit. p. 33.

<sup>34</sup> ARIÈS, Philippe. *História da Morte no Ocidente: da Idade Média aos nossos dias*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003. p. 111.

No Brasil existem belos exemplares inspirados nessa iconografia: a “morte do justo” e a “morte do pecador”, onde é possível perceber a luta espiritual entre intercessores celestes e demônios, que objetivam arrebatá-lo a alma em questão. A vitória, de qualquer que seja, não está no poder dos combatentes, mas na conduta do moribundo.

O Museu da Inconfidência<sup>35</sup> de Ouro Preto apresenta dois óleos sobre tela, a “morte do justo” (FIG: IV) e a “morte do pecador” (FIG: V), de autoria desconhecida e cuja provável datação parece ser meados do século XIX. Essas obras foram doadas pelo Museu da Arquidiocese de Mariana.<sup>36</sup>



FIGURA IV – A morte do justo  
Acervo do Museu da Inconfidência – Ouro Preto  
1,232 x 1,511 m



FIGURA V – A morte do pecador  
Acervo do Museu da Inconfidência – Ouro Preto  
1,236 x 1,558 m

O **justo** é representado por um homem magro e com idade avançada. Ele está deitado sobre modesto leito, onde é perceptível a ausência de colchão. Seus trajes são simples e inspiram recato, sua mão direita segura um crucifixo de madeira, símbolo da fé que professa. A morte do justo é assistida, inclinando-se sobre ele está o pároco, que parece ter cumprido os rituais (ministração dos sacramentos: penitência, eucaristia e extrema-unção) com assentimento do moribundo. O Anjo da Guarda observa tudo e o quarto está cheio de seres celestiais dotados de insígnias alusivas à hierarquia clerical – cruz episcopal, cruz pontifical,

---

<sup>35</sup> As figuras IV, V, VIII e IX fazem parte do acervo do Museu da Inconfidência, as fotos usadas neste artigo estão em: *O Museu da Inconfidência*. São Paulo, Banco Safra, 1995.

<sup>36</sup> Tem-se descrição bastante detalhada sobre a morte do justo e do pecador. Cf. CAMPOS, Adalgisa Arantes. *A terceira...* op. cit. p. 34-37; SILVEIRA, Marco Antônio. *Farma Pública: Poder e costume nas Minas setecentistas*. São Paulo, Tese de doutorado, Universidade de São Paulo, 2000. p. 177-178.

báculo, tiara e mitra. São José mira-o do alto e o Arcanjo Miguel empunha sua espada fitando um satã antropomorfo, que já derrotado, esconde o rosto.

O **pecador** é representado por uma mulher jovem que exhibe belo corpo. Essa imagem faz clara referência à passagem bíblica, onde a Eva, seduzida pela voz da serpente desobedece a vontade divina<sup>37</sup>. Suas vestes são leves e transparentes, tem-se a impressão de serem tecidos refinados e caros. Seu leito é dotado de dossel e de um primoroso cortinado. Ela está deitada sobre um colchão, encontra-se desesperada diante da morte e não demonstra menor contrição. A obra representa a inclinação da mulher para o mal, longe do leito da pecadora estão os seres celestiais. O pároco mostra-lhe a imagem de Jesus Crucificado, enquanto na extremidade da cama, um demônio mostra-lhe um espelho que reflete a vaidade, do outro lado, no chão, sobre um baú de trastes, dois sacos de moedas de ouro simbolizam o pecado da avareza. Ela encontra-se ladeada por uma horda de diabos antropomorfos e por um demônio sob a forma de dragão, que apóia a cabeça sobre o leito. Na cabeceira, outro demônio aponta a cena em perspectiva, em que Cristo procura interceder por esta alma, auxiliado pela Virgem Maria, que está compadecida e ajoelhada em frente à âncora da salvação, mas o esforço é em vão, pois um diabinho, tendo um livro no colo, mostra à Sagrada Família o pacto assinado. O anjo da guarda, já não pode fazer nada, desanimado, vira-se, dando-lhe os ombros.

A Igreja do Bonfim, em Salvador, Bahia, exhibe dois painéis alusivos à morte do justo (FIG: VI) e do pecador (FIG: VII). Ambos datados da segunda metade do século XIX. A autoria da primeira é de Tito Nicolau Capinam e a segunda, de Bento Capinam.



FIGURA VI – A Morte do justo  
Painel da Igreja do Bonfim – Salvador  
Acervo fotográfico: Adalgisa Arantes Campos



FIGURA VII– A morte do pecador  
Painel da Igreja do Bonfim - Salvador  
Acervo fotográfico: Adalgisa Arantes Campos

<sup>37</sup> BÍBLIA SAGRADA. Gênesis. 86 ed. Rio de Janeiro: Editora Imprensa Bíblica Brasileira, 1996. cap. 3, p. 5-6.

Nos dois painéis as representações são masculinas. O **justo** em posição de contrição confessa seus pecados ao pároco que está assentado ao lado de seu leito. Sua mão direita empunha um crucifixo de madeira, suas vestes são simples e discretas, inspirando sobriedade. Um anjo acaricia os cabelos do moribundo enquanto o outro, esticando o braço esquerdo, aponta para o céu. Sua morte é assistida, estão presentes homens e seres celestiais. O demônio, sinalizando sua derrota, está no chão, ao pé da cama, alheio à cena que acontece.

O **pecador** recusa-se a ouvir as palavras do sacerdote. O anjo da guarda, já não podendo fazer nada, tímido no canto esquerdo da tela, assiste a tudo. Uma horda de demônios rodeia o moribundo, que deitado em macio colchão e travesseiro mostra o gosto pelo luxo e pelas coisas terrenas. Um diabo, sentado ao lado do leito, segura o braço esquerdo do pecador renitente, à cabeceira, uma representação masculina manipula a serpente, símbolo bíblico do mal, desde que a mulher foi seduzida no livro de Gênesis.

O Bispo Dom Frei Manoel da Cruz, ao inaugurar o Seminário de Mariana em 1751, tinha intenção clara de ensinar Teologia Moral e formar religiosos capazes de ajudar a “bem morrer”.<sup>38</sup> Em Relatório Decenal à Santa Sé<sup>39</sup>, 1757, ele menciona a utilização dos Exercícios Espirituais de Santo Inácio de Loyola, sendo exigência para todos os candidatos às ordens.

No mencionado Museu da Inconfidência há uma bandeira processional (FIG: VIII), que nos permite observar a relação, descrita na documentação supracitada, entre o ideário inaciano e a devoção a Nossa Senhora da Boa Morte, exortando os cristãos e auxiliando-os na aceitação do fim das funções vitais corpóreas para o ressurgir no além. De um lado, temos a “Pregação de Santo Inácio” e do outro a “Dormição da Virgem”.

---

<sup>38</sup> Arquivo Público Mineiro/ Belo Horizonte, Códice 19, CMM, 11-05-1753.

<sup>39</sup> Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana, Arquivo I, 1ª gaveta, pasta 17.



FIGURA VIII – Bandeira processional (biface)  
Pregação de Santo Inácio de Loyola e N. Sra. da Boa Morte  
Óleo sobre tela; século XVIII; autor desconhecido.  
Acervo do Museu da Inconfidência – Ouro Preto  
0,842 x 0,661 m

As irmandades de leigos costumavam usar “caixas de esmolar” para pedir donativos aos fiéis. A figura IX mostra um oratório, de estrutura simples, com motivos florais pintados nas faces internas das folhas das portas. Possui gaveta para recolher esmolas e orifício para correia, o que permitia ser dependurado no peito de quem o usasse. No interior deste altar portátil encontra-se escultura removível de Nossa Senhora da Boa Morte deitada em um leito ou féretro. Sua cabeça descansa sobre travesseiro e as mãos estão em posição de oração. Ao fundo vê-se Nossa Senhora da Assunção, entre nuvens e querubins, anunciando o destino daqueles que temem a Deus e vivem em seus caminhos.

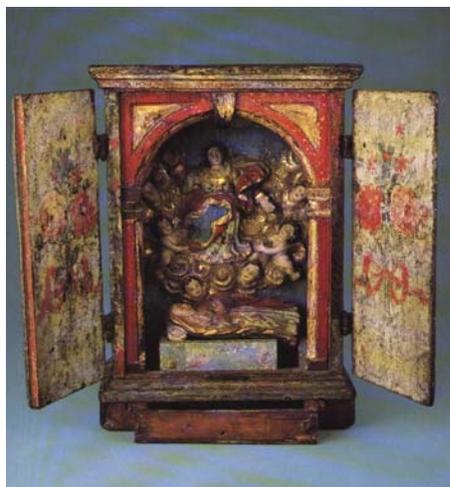


FIGURA IX – Oratório de Esmolar  
Madeira policromada; século XVIII.  
Acervo do Museu da Inconfidência – Ouro Preto  
0,323 m

O Centro de Restauração e Conservação de Bens Culturais Móveis (CECOR) da Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Belas Artes, restaurou imagem de Nossa Senhora da Boa Morte (FIG: X) em 1987. A cama possui grades laterais, sendo a cabeceira mais alta. Quatro anjos da guarda, vestidos de soldados romanos a rodeiam, acompanhados de quatro anjinhos nus, que estão sentados nos cantos sobre as grades. A Virgem, de olhos fechados e mãos postas sobre o peito aguarda o momento de sua assunção.

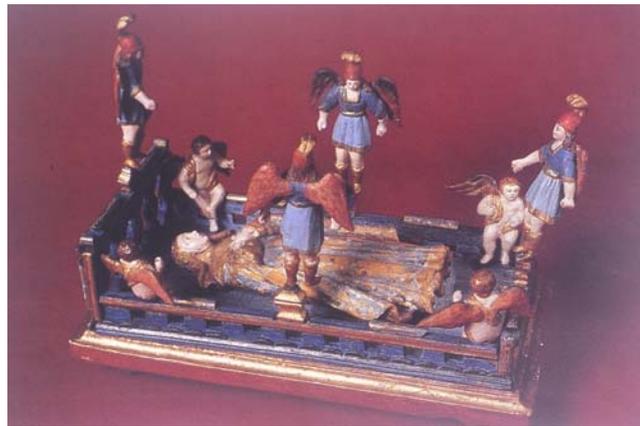


FIGURA X – Nossa Senhora da Boa Morte  
Madeira policromada; final do século XVIII  
Coleção Brasileira – propriedade da UFMG  
27,2 cm x 13,5 cm x 21,6 cm - Foto: Paulo Baptista

Em São João Del Rei, imagem articulada representa a “Dormição da Virgem”. Ela está deitada sobre uma caminha dourada, usa peruca e coroa. O vestido é de tecido branco e o manto azul com detalhes bordados em dourado. A caixinha onde fica é de madeira, sendo três lados de vidro. O fundo possui pintura de estrelas, fazendo alusão ao céu. (FIG: XI)

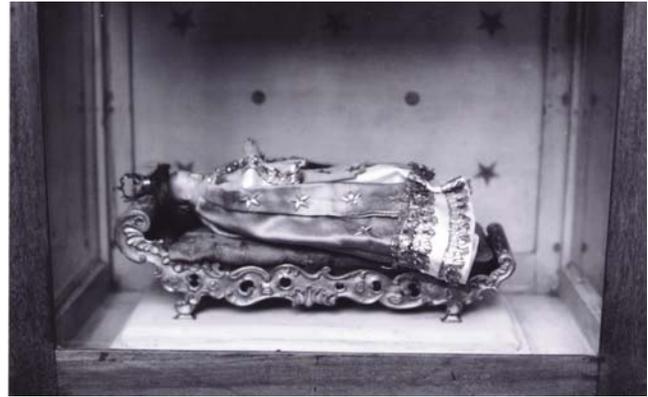


FIGURA XI – Nossa Senhora da Boa Morte  
Século XVIII – Coleção particular  
São João Del Rei  
Foto: Adalgisa Arantes Campos

O altar de Nossa Senhora da Boa Morte<sup>40</sup>, na Igreja Matriz da Conceição de Antônio Dias, em Ouro Preto, data provavelmente de 1725 e 1735, uma vez que a Irmandade com essa invocação foi erigida nesta localidade no primeiro quartel do setecentos. O grande nicho onde se vê a cena do falecimento ou “dormição” da Virgem, ladeada por assistentes que a ajudam a “bem morrer” (FIG XII) é o que nos interessa. A mãe de Jesus recebe aspensão de água benta, (observe o homem que carrega a calderinha) enquanto um religioso faz a leitura do salmo apropriado para a ocasião, sua morte é velada e assistida. Em conformidade com o relato apócrifo, todos os apóstolos estavam presentes, exceto Judas Escariotes que já havia falecido e Tomé, que chegou atrasado, assistindo apenas a Assunção.

---

<sup>40</sup> Descrição e análise iconográfica deste altar em: CAMPOS, Adalgisa Arantes. A terceira... op. cit. p. 41-42.



FIGURA XII – Altar de Nossa Senhora da Boa Morte  
Matriz de N. Sra. da Conceição - Ouro Preto  
Acervo fotográfico: Adalgisa Arantes Campos

## CONCLUSÃO

A concepção de boa morte ocupou nas Minas Gerais dos séculos XVIII e até meados do XIX, expressivo lugar nas relações cotidianas. Compreender as exéquias, mais que se voltar para o fúnebre, significa contemplar a vida.

O imaginário contido nos testamentos, documentação confrarial, livros piedosos e representações iconográficas revela-nos um dos aspectos mais interessantes da história: a cultura. Eduardo França Paiva considera o imaginário como integrante da experiência histórica vivenciada e para tanto, afirma que o “campo icônico e figurativo influencia diretamente nossos julgamentos”.<sup>41</sup> Esclarece que as imagens não são apenas representações visuais, mas também construções mentais que podem se manifestar sob a forma de relatos e descrições orais.

Ao resgatar as imagens, o culto a Nossa Senhora da Boa Morte, bem como as representações advindas da *Ars Moriendi*, estamos contribuindo para a compreensão do cotidiano de uma sociedade, que se preocupava com a imortalidade da alma. Salvar-se significava descansar eternamente no Paraíso, ser condenado era sofrer irrevogavelmente no Inferno. O purgatório era uma região destinada àqueles que precisavam de purificação. Desta

---

<sup>41</sup> PAIVA, Eduardo França. *História e Imagens*. Belo Horizonte: Autêntica, 2002. p. 26, 41-43.

maneira, as atitudes diante da vida refletiam e construía uma linha contínua que se iniciava desde o nascimento até a morada no além.

As Irmandades desempenharam papel importante no universo cultural da colônia, pois além de prestarem assistência social e espiritual aos seus confrades, propagavam a doutrina católica do “bem morrer”. Sermões, imagens e procissões foram estratégias eficientes, recomendadas pelo Concílio Tridentino<sup>42</sup>, para a doutrinação de populações iletradas.

Percebemos um grande crescimento do número de associações leigas vocacionadas a Nossa Senhora da Boa Morte a partir da construção do Seminário de Mariana, inaugurado em 1751. Apenas a irmandade de Vila Rica e a de Cachoeira do Campo o antecedem, sendo todas as outras oito no total, posteriores.

Conforme a documentação estudada, formar religiosos capazes de ensinar a população a bem morrer era um dos objetivos de Dom Frei Manuel da Cruz, bispo responsável pela construção do Seminário, por isso, acreditamos que seja ele um divulgador e incentivador desta devoção nas Minas, posto que as representações da “Dormição da Virgem” eram exemplo de contrição e aceitação do fim terreno.

---

<sup>42</sup>CHECA, Fernando. *Pintura y escultura del Renacimiento em Espana 1450-1600*. Madrid: Cátedra, 1999. cap. 9.